

Rev.

487

V.

OSITU
ANO I

Praia, 1 de Outubro de 1949

N.º 1

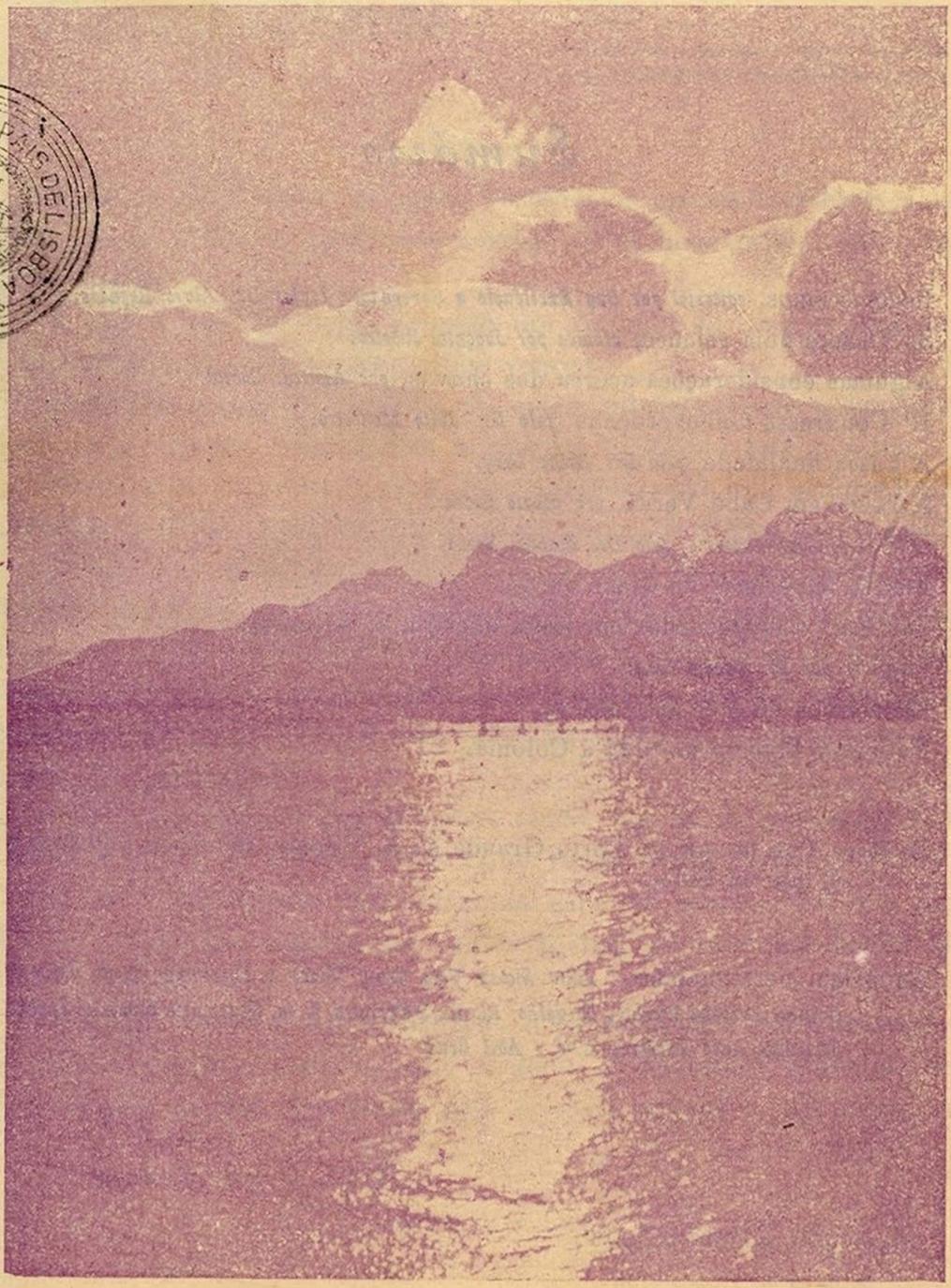
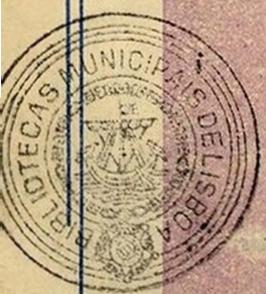
CABO VERDE

BOLETIM DE PROPAGANDA E INFORMAÇÃO

PUBLICAÇÃO DA IMPRENSA NACIONAL
(EM ORGANIZAÇÃO)
PREÇO 2\$50



TODA A CORRESPONDÊNCIA DEVE SER
DIRIGIDA Á DIRECÇÃO DA IMPRENSA
: : : : NACIONAL NA PRAIA : : : :



Sumário

Recomeçemos, *editorial por Sua Excelência o Governador Major Dr. Alves Roçadas.*

S. Vicente num relance, *crónica por Joaquim Ribeiro.*

Algumas considerações acerca das chuvas, *por Amílcar Cabral*

1.º Congresso Caboverdeano, *pelo Dr. Júlio Montefro.*

A nossa finalidade, *pelo Dr. Bento Levy.*

A Pesca em Cabo Verde, *por Mário Secca.*

O Sal na literatura, *pelo Dr. Manuel Serra.*

Fontes Medicinais de Cabo Verde.

Sua Ex.^a o Governador em visita oficial a S. Vicente.

Fogo !! *por M. Tomaz Dias.*

Efemerides do mês de Outubro.

Noticiário diverso de toda a Colónia.

Na Capa: Pôr de sol no Porto Grande de S. Vicente, vendo-se à direita o Monte da Cara.

Anunciam neste número: *Júlio Simas Vera Cruz, Vasco & Figueiredo, L.da, Luiz do Quental Barbosa Vicente, Carvalho, Ribeiro & Ferreira, L.da, Henriqueta Monteiro Fontes, Sociedade Luso Africana L.^{da} e Abel Cruz.*

CABO VERDE

ANO I

Outubro

N.º 1

BOLETIM DE PROPAGANDA E INFORMAÇÃO

1949

Recomeçemos

Se vires desfetto aquilo para quo tens vivido
E o construlres de novo com ferramentas gastas

.....
E se seguires para a frente quando já não tens nada
A não ser a vontade intensa de vencer

.....
Se souberes preencher o minuto que passa
Com sessenta segundos útilmente vividos. . .

KIPLING

Nada se quiere fazer de novo. Pretende-se apenas mobilizar, a bem de Cabo Verde, o seu primeiro escalão de combate — os homens que crêem mais na luta que na fatalidade —.

É que a fatalidade não é senão um refúgio, ou uma explicação, para os que não sabem, ou cuidam não saber vencer.

Pode um ou outro elemento da colectividade perecer nessa luta, mas o Homem vence sempre, porque tem o cérebro e porque tem o braço.

O que se torna imprescindível é que o cérebro caminhe sempre à frente do braço. A inversão destes caminhos é, por via de regra, de efeitos pouco brilhantes.

Assente, portanto, o princípio, de que só a luta persistente e contínua nos pode conduzir a resultados palpáveis e que o fulcro dessa luta é o cérebro, resolveu-se, dentro da lógica, fazer-se uma chamada à inteligência, à cultura, aos conhecimentos, ao Amor por esta Terra, a todas estas e outras facetas, enfim, que caracterizam as gentes de Cabo Verde, para nos ajudarem a vencer a longa caminhada, que ora recomeçamos.

Pelo conhecimento que já vamos tendo, não só da psicologia Caboverdeana, como também da atracção que Cabo Verde sempre exerceu sobre todos aqueles que por aqui alguma vez passaram, estamos convencidos que ninguém deixará de cooperar, que ninguém deixará de ajudar, que ninguém deixará de responder — PRONTO —.

Marcado depois o rumo, balizado o caminho mais útil, resta aproveitar o braço, armá-lo melhor, torná-lo mais eficiente e caminhar, caminhar sempre, preenchendo cada minuto que passa, com sessenta segundos, útilmente vividos.

Praia, Setembro de 1949.

Carlos Alves Rogadas
Governador de Cabo Verde

S. Vicente num relance

por JOAQUIM RIBEIRO

A afirmação feita em 1891 pelo Dr. João Augusto Martins de que S. Vicente é o pulmão por onde respira a colónia continua na ordem do dia.

Contudo, esta frase já não surge isolada no «curriculum vitae» da Ilha que possui um dos melhores portos do Atlântico. A par dessa reconhecida vantagem, outras qualidades alinham, mercê da atenção que a Ilha vem merecendo da sede do Governo e das entidades administrativas.

O progresso tem pisado com segurança o solo de S. Vicente, transformando a sua cidade — o Mindelo — em belo exemplo do sistema colonizador português.

Evidentemente que há ainda muito a fazer, além do momentoso problema do apetrechamento do porto, que, estamos certos disso, terá a sua hora.

Independentemente do esforço particular, que dota a cidade com construções de valor, há que salientar a contribuição do Estado e da Câmara Municipal, que em plena e útil colaboração procuram transformar a fisionomia citadina, tornando-a digna representante da nossa civilização.

Entre as obras do governo é justo salientarem-se os edifícios dos Correios, em número de dois e a óptima instalação das escolas primárias. Se acrescentarmos os nove diques, cuja eficácia ficou provada com as chuvas deste ano, verificamos que algo se fez, dentro do muito que há a fazer.

Quanto à Câmara Municipal, o seu esforço, aliás reconhecido por todos, tem produzido os melhores frutos.

Os calcetamentos executados, que ocupam grande área, libertaram o mindelense da aborrecida poeira, resultante dos fortes ventos que fustigam a cidade.

Os problemas de urbanização merecem ao município o maior cuidado, bem como os da higiene.

Contudo, a sua coroa de glória assentará em duas soluções, em que tem os olhos postos. A primeira, já em andamento e quasi resolvida, é a questão do fornecimento da energia eléctrica, a que faltam alguns pormenores que não privam o mu-

A abrir

Ao iniciar a publicação deste boletim saudamos toda a Imprensa da Metrópole e do Império e, em especial, o «Notícias de Cabo Verde», único órgão da colónia que se tem mantido através dos tempos, abrangendo nessa saudação as pessoas dos seus ilustres directores, pelo espírito de sacrificio, dedicação e louvável tenacidade com que, apesar do marasmo, da indifferença de muitos, tom conseguido levar à frente a publicação daquele jornal, dando um exemplo digno de registo e dos melhores encómios.

Nós, que ainda agora começamos a sentir as grandes dificuldades que há a vencer, bom compreendemos quanto de abnegação terá sido precisa para percorrer a já longa caminhada atravessada pelo «Notícias de Cabo Verde».

Que ele continue a prosperar e que não esmoreça na sua actividade de manter viva a voz de Cabo Verde são os nossos votos.

nícipe de estar já beneficiando de uma boa iluminação.

A segunda, reporta-se ao fornecimento de água potável e deve ser atacada com a mesma energia.

Para a solução do primeiro problema, muito contribuiu o Estado, que prestou a maior assistência ao município.

No capítulo das obras sociais, é justo mencionar a boa organização dos serviços da assistência na Ilha, que possuem um óptimo albergue com muitas dezenas de internados.

A par da assistência oficial e como obra digna de figurar em qualquer cidade, destaca-se o Orfanato de S. Vicente, de iniciativa particular. O Estado e o município, reconhecendo as vantagens de tal instituição, contribuem com valiosos subsídios para a manutenção de tão útil estabelecimento.

Eis, em breve resumo, os pontos mais interessantes de um programa realizado em menos de três anos.

Algumas considerações acêrca das chuvas

por AMILCAR LOPES CABRAL

Após 4 anos de seca que provocaram uma crise agravada pela deficiente produção dos anos anteriores, a terra de Cabo Verde, essencialmente a da ilha de S. Tiago — o celeiro natural do arquipélago — está sendo generosamente irrigada pelas águas das chuvas. Foi, segundo toda a gente conserva devotadamente na memória, na madrugada de 18 de Agosto, último, que teve real início a quadra das chuvas. A cidade da Praia, alvoroçada, incrédula, duvidosa da notícia, acorreu pressurosa ao Monteagarro, a todos os parapeitos, para ver «com os seus olhos» as grandes cheias que, estranhas a todas as emoções, na rota da sua determinante natural, buscavam o mar.

Era mesmo verdade. E os corações, dos novos aos velhos, pulsaram mais fortemente, sob a alegria daquela constatação. E nos olhos já baços do povo, alguns até causados, secos de chorar as inevitáveis desgraças inerentes à crise, renasceu o brilho da vida, reflectindo a esperança que as chuvas trouxeram. E, de localidade em localidade, de casa em casa, de boca em boca, uma frase, que se transformou no tema necessário de todas as conversas, correu o Arquipélago:

«A chuva voltou! E vai chover de verdade, porque já houve cheias!»

(Não importa agora analisar até onde esta afirmação está de acôrdo com a realidade científica).

O cidadão, o habitante da Praia, tornou-se, ainda que inconscientemente, mais apressado, e, os olhos postos nos montes do interior da ilha, aguardou, algo impaciente, o nascimento da «palha verde», a mudança do cenário geral da ilha, a substituição do desolador escaldado dos montes, por um tapete de relvas que lhe lembraria os saudosos tempos de abundância.

O badio, o homem do campo, o pilar, afinal, em que fundamentalmente, deve assentar toda a esperança duma ressurreição da economia caboverdeana, ergueu o busto que o fardo da miséria e do desespero havia recurvado, aspirou com força o cheiro animador da terra molhada pela chuva, e mobilizou todos os esforços que

lhe restavam, para pô-los no cultivo do solo. E oheu em redor, e estendeu as mãos, em busca do auxílio para trabalhar a terra.

Lentamente, com uma demora que a muitos confundiu, mas que é facilmente justificável, os montes do interior da ilha, da Achadinha ao Pico da Antónia, do Pico da Antónia à Serra da Malagueta, foram-se cobrindo de um tapete verde que satisfiz os olhos do cidadão, já sedentos de verde. Da terra do interior, a custo, mas gostosamente trabalhada, consumado mais uma vez o «milagre» da germinação, brotou o milho, «bonito», prometedor. O milho — essa planta que alguém justamente chamou «dádiva dos deuses», esse vegetal que, indispensável, insubstituível, é pai e mãe, marido e esposa, irmão e irmã das gentes caboverdeanas.

E o verde material das ervas do campo, invadiu o Arquipélago e imaterializou-se na alma do povo, transformando-se em esperança. Dos miseráveis aos pobres, dos pobres aos remediados, dos remediados aos ricos; dos menos responsáveis aos mais responsáveis — houve uma mudança de atitudes, inconsciente entre uns, consciente entre outros. E é precisamente essa mudança de atitudes, provocada pelo prometedor regresso das chuvas, que interessa salientar, pondo a claro aquele seu significado que, entre todos os significados que possa ter, é o essencial. Tal significado é que — o povo caboverdeano, do humilde ao opulento, do menos responsável ao mais responsável, sentindo apenas, ou sentindo e pensando, reconhece que é na Agricultura, apesar de todos os factos ou factores que se podem apontar como obstáculos a esta, que se encontra o fulcro, a base da economia caboverdeana. Não é intenção deste arrazoado, demonstrar tal verdade, tarefa que, aliás, não se mostra difícil. Bastaria, para isso, um estudo curado da história do Arquipélago, destacando-se a linha mestra que tem orientado desde sempre a sua economia.

Feito tal estudo, difícil, se não impossível, será não concluir que é na Agricul-

tura que reside a base da economia caboverdeana.

Aceite este princípio, surge naturalmente o problema de, agora que a Natureza, mesmo sem o revestimento florestal, sem a necessária protecção do solo, sem o indispensável sistema de aproveitamento das águas, está, com características de continuidade, irrigando o solo caboverdeano com abundantes chuvas, se determinar o que importa fazer, para que, vencendo as mil e uma dificuldades criadas pela crise, que desequilibrou tudo e todos, se retome o equilíbrio indispensável à realização de uma vida eficiente. Se é verdade que tal problema se impõe, acima de tudo, verdade é também que não é da competência de quem escreve estas palavras, determinar-lhe a solução, isto é, o caminho ou os caminhos que se deverão seguir para se conseguir, para Cabo Verde, uma vida em que o espectro da Fome não traga os espíritos constantemente sobressaltados.

Todavia, o sapateiro não irá além das botas, se se afirmar que urge, para consecução do objectivo atrás referido, o aproveitamento integral de todas as possibilidades, de todas as capacidades, de todas as oportunidades. E é fora de dúvida que o regresso das chuvas, com as características das actuais, coincidindo com a entrada em função da nova autoridade superior do Arquipélago, é, pelo menos desde há quatro anos, a primeira grande oportunidade que o povo caboverdeano tem, de voltar a viver uma vida normal. Toda gente sabe da contingência do regime de chuvas em Cabo Verde, e que, por isso mesmo, será prematura qualquer afirmação categórica sobre o desfecho do ano agrícola. Mas toda a gente sabe também que, em face das características das chuvas deste ano, é legítimo e natural presupôr-se que o ano agrícola será bom, que é o mesmo que dizer, haverá uma modificação, se não radical, pelo menos importante das condições de vida no Arquipélago.

E' contando com essa modificação, evidentemente que não apenas com ela, que se traçará, por certo, a directriz das medidas tendentes a conseguir a normalidade por todos desejada. E essas medidas serão, por certo, integradas num plano de

conjunto, que terá em linha de conta todas as manifestações de vida do Arquipélago, isto é, todos aqueles pequenos ou grandes problemas que tenham reconhecida influência na situação geral do povo caboverdeano. Medidas de acção integradas num plano de acção — no verdadeiro sentido desta palavra — porque, como todos reconhecem, não bastam as chuvas e a esperança que elas trazem, para se conseguir uma solução satisfatória do problema que está posto.

Para execução de tais medidas, de tal plano, certamente que haverá uma colaboração íntima entre as entidades responsáveis e o povo, uma colaboração leal, onde, sem dúvida e necessariamente, não terão lugar interesses que não visem só e somente o bem-estar geral. Para que tal colaboração seja possível, impõe-se a elucidação ou consciencialização daqueles que, ainda que involuntariamente, não têm consciência das realidades que se têm de enfrentar, realidades a que há a subordinar, para que resultem eficientes, todas as medidas que as entidades competentes entendam deverem ser tomadas.

Insiste-se na necessidade de uma elucidação, esclarecimento ou consciencialização do chamado «homem da rua», levando ao seu conhecimento, chamando-lhe a atenção para as realidades que condicionam a sua vida, integrando-o, a pouco e pouco, naquele sistema de vida que, abandonando os acasos da sorte, se subordina a um sentido de previdência, de forma que todo o elemento útil se possa encontrar precavido contra as incertezas do futuro. Elucidado, esclarecido, melhor será o apoio que dará às medidas superiormente determinadas.

Do rendeiro humilde que, ou por falta de braços ou por falta de dinheiro, não pôde semear toda a sua terra, ao proprietário rural que, desfalcado pela crise, o não pôde socorrer; do aprendiz ao mestre da oficina; do servente ao chefe da Repartição Pública; dos mais novos elementos da população aos mais velhos; de uma ponta à outra do conjunto de elementos úteis do Arquipélago — há que esperar todo o esforço, toda a boa vontade, o aproveitamento integral de todas as possibilidades, de todas as capacidades, a fim de que se torne possível a normalização

da vida caboverdeana — único e justo objectivo do Governo de Cabo Verde, justa e natural aspiração do povo caboverdeano.

*
* *
*

Sim. As chuvas, depois de longa ausência, regressaram, abundantes e promedoras. Este facto, para Cabo Verde, tem um significado transcendente, isto é, que ultrapassa o mero significado meteorológico que poderá ter numa ou noutra terra, onde a sua ausência não implica a perda de vidas humanas. Com as chuvas veio ou foi reforçada a esperança em dias melhores, numa vida melhor, para a qual trabalharão todos os caboverdeanos, sob a orientação das entidades competentes.

Ditaram as palavras que ficam escritas, aquela mesma esperança que renasceu com as chuvas, que tomou cor no verde acalentador da vegetação herbácea que cobre os vales e os montes, e que, invadindo a alma, fortaleceu a fé no destino do povo de Cabo Verde. Destino que será traçado à custa do trabalho consciente, dentro da comunidade do Mundo Português, trilhando os caminhos do Resurgimento e do Progresso.

Sim: do Progresso. Porque, se é verdade, como o demonstra a História dos Povos, que a fome foi a iniciadora do Progresso, poucos serão os povos que a ele tenham mais direito que o caboverdeano. Porque, se é verdade, como o disse Platão, o insuperável sábio, que a necessidade é mãe dos nossos engenhos, nenhum povo, mais que o caboverdeano, tem o direito e o dever de encontrar os «engenhos» indispensáveis ao suprimento das suas necessidades.

Esse progresso e esses «engenhos» dependerão, è certo, das possibilidades do Arquipélago, mas também dependem dos que dirigem Cabo Verde, em particular, e, do povo caboverdeano, em geral. E não será utópico crer que serão encontrados.

Para isso e por isso — todos lutarão. A Ben de Cabo Verde, pelo bom nome e pela glória de Portugal

Praia, 8 de Setembro de 1949.

Do “Boletim Oficial”

Foi designada uma Comissão, composta pelo Chefe dos Serviços de Administração Civil, Director da Imprensa Nacional e Inspector Escolar, para estudar e apresentar um projecto de diploma que fixe os salários e regule os deveres e regalias dos trabalhadores da colónia.

— Outras duas comissões foram encarregadas de proceder ao estudo de um novo plano de ensino e à elaboração de um projecto de diploma estabelecendo o crédito agrícola.

— A Portaria n.º 3:764, convocou para o dia 9 do corrente os colégios eleitórias para a eleição dos vogais efectivos e suplentes do Conselho do Governo que hão de servir durante o triénio 1950/1952.

A eleição será feita pelas direcções dos organismos corporativos, das associações comerciais e agrícolas de Barlavento e Sotavento e comercial de logistas de Barlavento.

Funcionarão duas assembleias eleitórias na Praia e no Mindelo.

— Foi autorizado que as indústrias gráficas particulares executem impressos para os Serviços Públicos.

— O Decreto n.º 37:523, publicado no *Boletim Oficial* n.º 38, além de outras disposições, indica a forma de certificar o tempo de serviço prestado ao Estado por funcionários ou empregados interinos, assalariados e contratados que não possa ser comprovado pela forma usual.

— As contas de exercício da colónia referentes ao ano económico de 1948 fecharam com um saldo de 6:925.070\$92.

— A partir de hoje é posto em circulação na Colónia um milhão de escudos de moedas metálicas de 50 e 100.

UM APONTAMENTO

A utilidade dos socalcos ficou demonstrada, de forma expressiva, aos olhos do habitante da Praia.

Quem do parapeito da cidade observar a Achada de Santo António, nota um contraste flagrantíssimo entre a encosta do lado esquerdo e a da direita.

À esquerda a chuva limpou, escalvou totalmente a rampa do planalto, levando a terra para o mar, transformando-a num barranco. Só aqui e além se nota o verde.

À direita tudo ficou; um ou outro estrago, provocado pela violência das enxurradas, mas a água caiu e penetrou no terreno, dando seiva à plantação que o Governo levou ali a efeito. Não há um pedaço de terra desaproveitada.

O Homem pode tirar da Terra muito do que necessita, mas é indispensável que se capacite que tem de dar à Terra um pouco do que Ela precisa.

O que se fez nas encostas da Achada de Santo António é um exemplo — uma demonstração de que trabalhar a Terra, defendê-la, não é um esforço inútil.

Dentro de pouco tempo, a Praia, com o seu parque, terá a confirmação de que é assim.

— ... E na Achada de Santo António, não se fizeram socalcos, arrumou-se a pedra ... tratou-se a terra.

CHUVAS

abundantes em todas as ilhas

Após cinco anos seguidos de seca, de que resultaram gravíssimos prejuízos para a economia da Colónia, chegam, finalmente, notícias de todas as ilhas informando de chuvas abundantes.

NA BRAVA:

As estações pluviométricas marcaram em 12 de Setembro na Vila 63,5^{mm}, no Monte 106^{mm}, no Cachaço 96^{mm} e na Furna 22^{mm}.

Devido à intensidade das chuvas caiu uma casa no sítio do Mato, desta ilha, não havendo desastres pessoais.

A ponte de ligação de uma das ruas da Vila de Nova Sintra com a Escola, devido à muita infiltração de água o alicerce, cedeu num local, estando-se a proceder ao respectivo calcetamento.

A população, cada vez mais animada e alegre, prossegue nos trabalhos agrícolas.

NO FOGÓ:

Cairam chuvas nos dias 9 e 11 de Setembro, tendo corrido cheias nas ribeiras do Norte e Sul.

O pluviómetro de Bernardo Gomes marcou 131^{mm} e o de S Filipe 79^{mm}.

Por motivo da cheia da ribeira ser bastante caudalosa a cisterna de Fonte Aleixo, que se encontrava completamente cheia, sofreu avaria.

As cisternas de Santo António e Patim continuam cheias; a da Baleia quase cheia e a de Dacabalaio recebeu 2 metros e 9cm. de água.

Durante o mês de Setembro continuou a chover com regularidade em todas as ilhas do arquipélago.

Na Brava apareceram já algumas flores de milho e em alguns locais pequenas quantidades de feijão verde.

Na ilha de Santiago todos os montes estão cobertos de verde, o que há muitos anos não sucedia.

Vista da Praia

Cedinho ainda, mal os prelúdios do sol acabaram de vencer as trevas de uma noite de calor, a Praia começa a movimentar-se.

Das estradas que unem a cidade ao interior da ilha, o badio, no seu passo certo, já rotineiro, surge, de todos os lados, trazendo ao mercado citadino, o pouco que ainda lhe pode dar. Mas vem outro. O seu passo é mais firme, a viagem, a longa caminhada custa-lhe menos e, na face marcada pelas agruras com que a longa crise o presenteou, brilha uma luz de esperança. É que lá fora, em toda a parte, tem chovido. E deseja, apesar dos cuidados que ainda enfrenta, conversar com alguém, falar, falar, contando, com gestos largos, como foi bela a chuva do dia anterior.

Nas redondezas, galinácios retardatários, preludivam o romper do dia. As ruas da cidade vão-se povoando.

O comércio que, suportando os efeitos da crise, não se deixou vencer, recomeça, mais um dia de trabalho. «Pode ser que tudo melhore».

Das bandas do mercado, transportado pela aragem, vem o «papear» resultante do duelo vendedor-comprador, aciutado pela escasséz que ainda reina. «Em Novembro, sim, em Novembrô, tudo começará a ser baratos».

No Monteagarro, o abastecimento de água — um panorama de sempre. Não: o Monteagarro já não é um largo. Belas residências, frescas, irmãs gêmeas, modificaram, o ambiente, patenteando um progresso.

O tempo voa. Meio dia. O Sol, a pique, contempla a cidade, atormentando as gentes com os seus raios. Ruas direitas, asseadas, são atravessadas pela gente de trabalho que busca o descanso de umas horas e o conforto do lar. «Um calor insuportável. O que vale, é que significa chuva, sim, chuva».

Pôr do Sol. Nos confins do horizonte, tintas de uma paleta invisível escorrem sobre as núvens. Do parapeito, a vista do mar é sempre uma novidade.

A Praia. O badio mercador que, confortado recolhe ao lar. O trabalhador da cidade que venceu mais um dia. Dia de calor que a aragem da tarde refrescou.

A Praia. Pequena, amável, refeita das tormentas que viveu, desejosa do Progresso e do bem estar, luta. E o parque infantil, em construção, é um dedo apontando o futuro, uma prova palpável de que, apesar de tudo, a vida não parou.

E não parará jamais.

ABEL CRUZ

COMÉRCIO GERAL, REPRESENTAÇÕES, FAZENDAS, PAPELARIA,
LIVRARIA, FERRAGENS MERCEARIA E QUINQUILHARIAS

CAIXA POSTAL 14 — TELEFONE 26
Endereço telegráfico. CRUZABEL

— P R A I A —
C A B O V E R D E

UMA SUGESTÃO

O 1.º CONGRESSO CABOVERDEANO

Pelo Dr. JÚLIO MONTEIRO, Jr.

Creio poder afirmar que, depois da falta de chuvas, o pior mal de que sofremos em Cabo Verdeó da improvisação.

É uma das características da nossa psicologia agir à pressa, de afogadilho, mais confiado ao impulso vivo da imaginação do que à disciplina severa de um plano que tenha por base estudos bem meditados e sérios.

Temos em Cabo Verde múltiplos problemas, próprios de cada ilha, sobre os quais muita gente se julga autorizada a discreter, com mais ou menos competência e conhecimento.

Temos também o problema geral da colónia — o da valorização técnica e racional dos recursos materiais de que dispõe o solo destas ilhas, a exploração intensiva do mar que as rodeia e a invejável posição geográfica que ocupa numa delas na vasta e importante rota comercial do Atlântico.

Mas faltam nos estudos sérios sobre cada um desses problemas o, conseqüentemente, também não possuímos um *plano geral* de actividade construtiva, traçado por técnicos e assente sobre as reais possibilidades de que dispomos, plano de execução obrigatória, esboçado com largueza, olhando para o futuro.

Por isso temos improvisado, perigosamente, há séculos, ao sabor de bem intencionadas actividades individuais, mas de ante-mão condenadas a fracassar por falta de continuidade que só a disciplina de um plano geral poderia impor.

* * *

A actividade dos últimos tempos parece indicar porém, que outros caminhos vão ser seguidos no futuro, e que existe nas esferas governativas o firme propósito de acabar com a improvisação.

Na verdade, no curto espaço de poucos meses vieram a esta colónia várias missões de estudo: uma de carácter pecuário, outra relacionada com assuntos hidrogeológicos, outra para tratar de problemas agro florestais, outra para assuntos hidrográficos e, mais recentemente ainda, uma missão médica.

Creio que a actividade dessas missões tem, entre outros, o objectivo de dotar

o Governo com os elementos de que ele necessita para a elaboração do plano a que acima me referi.

E porque reputo absolutamente indispensável a existência desse plano-base, sem o qual a administração destas ilhas continuará, como até agora, sujeita a graves soluções de continuidade, penso que é dever de quantos aqui vivem ou se interessam por Cabo Verde prestar ao Governo toda a colaboração de que forem capazes para que se consiga o fim em vista.

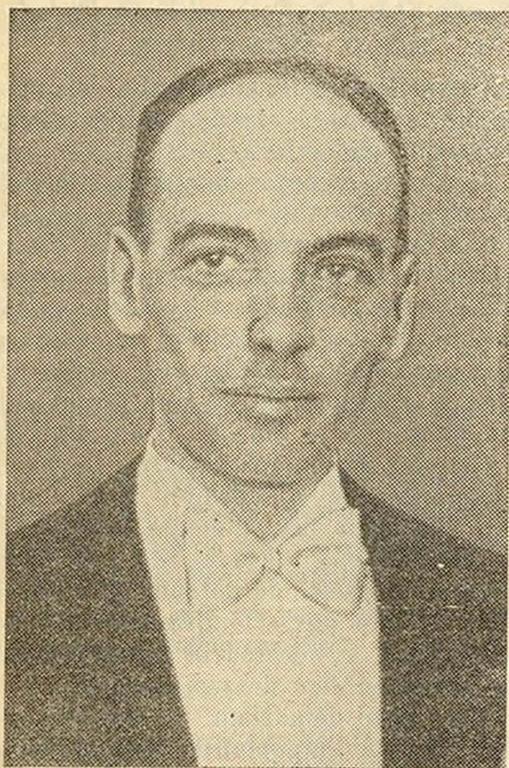
Estudos sérios dos variados problemas caboverdeanos elaborados por aqueles que são mais directamente interessados na solução dos mesmos são uma forma, e das mais úteis, de colaborar, e não duvido de que um «Congresso» seja meio ideal para a necessária apresentação e discussão pública desses estudos.

Não deixariam de tomar parte, sem dúvida importante, elementos de todas as forças vivas da colónia, agricultores, comerciantes e industriais, homens formados pela grande escola da experiência, ao lado de muitos estudiosos das cousas de Cabo Verde, e os votos, conclusões e pareceres por eles emitidos seriam, juntamente com as informações, relatórios e propostas dos vários departamentos oficiais, um precioso auxiliar para quem tiver sobre os ombros a difícil tarefa da administração destas ilhas, onde tudo falta e onde a colaboração de todos nunca é de mais.

Por que se não há de organizar em S. Vicente, Praia, ou mesmo na metrópole, o 1.º Congresso Caboverdeano para nele se debaterem, por forma eficiente e séria, os nossos problemas económicos, sociais e administrativos?

Lanço aqui a ideia, a título de sugestão, e para aqueles que duvidam da eficácia de um Congresso lembro o exemplo da Guiné que acaba de iniciar uma nova era na história da sua administração pública realizando, solenemente, em Lisboa, um Congresso que se ocupou com largueza dos mais diversos aspectos da vida e da economia daquela rica e florescente colónia, que é não apenas nossa vizinha mas também um pouco de nós mesmos.

Sua Excelência o Governador da Colónia



MAJOR DR. CARLOS ALVES ROÇADAS, a quem se deve a feliz iniciativa deste boletim e que o honra com um editorial, notável pela elegância e concisão com que define os objectivos a atingir.

De S. Vicente

A Câmara Municipal, que tem quase concluído o problema da luz eléctrica, está empenhada em resolver o problema de abastecimento de águas ao concelho.

Para isso pensa em levar de Santo Antão as águas de Mesa. Presentemente estuda a forma do seu transporte estando em negociações com a firma Ferro & C.^a

A água será depois, segundo o plano, distribuída às casas particulares e em três marcos fontenários.

Resolvido este problema, a Câmara terá dado um grande passo para o progresso da cidade e com relativa facilidade resolverá o problema da salubridade.

— Choveu copiosamente no dia 31 de Agosto. Alguns diques transbordaram.

Houve cheias importantes nos largos do Cruzeiro e Almirante Reis.

A nossa

Em número especimen que fizemos distribuir aqueles cujos nomes nos ocorreram para solicitar a sua colaboração, deixamos traçados em linhas gerais os objectivos a prosseguir com a publicação deste boletim.

Jornal de todos, em que cada ideia construtiva terá cabimento, não fica a sua colaboração circunscrita apenas aqueles de que a memória, tão falível, se lembrou.

Não é, por isso, demais repetir, neste primeiro número, o que então se escreveu.

Além das notícias correntes, o Boletim procurará ser um repositório de todas as ideias tendentes ao melhoramento das condições de vida na colónia — informação — e, ao mesmo tempo, o das realizações levadas a efeito — propaganda.

O que foi, o que é e o que pode ser o arquipélago de Cabo Verde, sob todos os aspectos que o possam tornar conhecido e que interessem à sua existência e desenvolvimento, dentro da especialidade, tendência ou convicção de cada colaborador, eis a finalidade do Boletim.

Evidentemente que o programa que fica apenas esboçado, não significa que o Boletim se apresente com uma feição de pura materialidade, digamos assim, dispensando a colaboração meramente literária, imaginativa ou de ficção. De modo algum. Numa terra onde o índice da instrução é relativamente elevado, má propaganda lhe seria feita se o órgão destinado precisamente ao fim inverso, não abrisse as suas colunas à expansão daqueles que cultivam o espírito.

Todas as manifestações serão aceites, concatenadas e publicadas na altura que se reputar mais oportuna.

Um órgão com a finalidade em vista, necessita, como é óbvio, de colaboração

finalidade

— colaboração de todos quantos de algum modo se interessam por Cabo Verde, ou porque aqui nasceram, ou porque aqui viveram, ou por cá passaram como simples curiosos, ou ainda porque, como portugueses, se acham ligados a esta parcela do Império, para o desenvolvimento e progresso da qual todos devemos contribuir.

A ideia desta iniciativa, devida a Sua Ex.^a o Governador da colónia, que honra o Boletim com um editorial a todos os títulos notável, dando o exemplo e incitando quantos possam contribuir para se fazer mais e melhor por Cabo Verde, não pode deixar de merecer o apoio, e mais alguma coisa do que isso — a colaboração de todos.

É essa colaboração que se pede, pois dela depende a continuação de tão útil, como indispensável elemento de vida da colónia.

Certos de que ela não nos faltará e que cada um saberá compreender a importância e alcance da iniciativa, esperamos poder continuar a tarefa de que fomos incumbidos.

EXPLICANDO

Este boletim, dada a sua feição, não se destinava à publicação de anúncios.

Todavia, como a Direcção da Imprensa Nacional tem sido assediada por várias vezes, com pedidos, para enserir anúncios publicitários no *Boletim Oficial*, decidiu-se satisfazer tais pedidos pondo-se as páginas deste boletim à disposição daqueles que desejem utilizar a publicidade como meio de propaganda dos seus produtos e actividades, visto não ser possível fazê-lo no órgão oficial do Governo.

De resto, sendo este jornal de todos e para todos e destinando-se, em especial, à propaganda da colónia, a publicidade será uma das formas de dar a conhecer as actividades nela existentes.

A pesca em Cabo Verde

por MÁRIO SECCA

Na longa dúzia de anos de permanência nesta colónia tenho lido muitos projectos sobre os possíveis remédios a dar à sua combalida economia, enunciando-se sempre como principal, o do Porto Grande.

Tem se relegado para um plano secundário as bom fundadas tentativas oficiais, para se conseguir condições agrícolas que venham beneficiar a população do arquipélago e nem sequer se tem pensado nas possibilidades que nos fornece o mar, com a sua inesgotável riqueza.

O certo é que também se não tem dado a solução adequada às continuadas crises, consideradas, como devem ser, como um fenómeno acentuadamente comercial. As grandes obras de fomento, nesta colónia de rochas desnudas e terras ingratas, ainda não foram postas criteriosamente em equação e a sua economia está emperrada por atritos resultantes da defesa de mesquinhos interesses locais.

É, contudo, preciso convencermos-nos de que as maiores, talvez as únicas riquezas de Cabo Verde, se limitam à exploração das terras e do mar.

E, conseqüentemente, é preciso que toda a atenção, todo o esforço, toda a iniciativa, toda a propaganda e todos os recursos se empreguem, a fundo, em tirar do mar e da terra o que eles tão prodigamente nos oferecem e convertê-lo em riqueza pública. Assim criar-se á uma sã e desafogada situação económica à colónia e seus habitantes, que ainda hoje vivem — mesmo quando a crise os não atinja — a vida condicionada a uma precária existência, cheia de cuidados e de miséria.

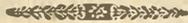
É, inexplicável que há mais de um século se venha ventilando, na colónia, o problema da pesca e sua industrialização e ainda ele se encontra na sua fase inicial. Em Angola a evolução da exploração piscatória foi rápida. O marquês do Sá da Bandeira mandou para o sul, nos meados do século passado, os primeiros

anzóis. Ali se iniciou a pesca dos esqualos para a exportação do óleo dos fígados, que as barcas americanas vinham carregar. Apesar de todas as crises, a indústria da pesca fixou-se, aumentou e prosperou. Hoje já conta com uma das maiores riquezas, garantindo o bem estar da população, os interesses dos industriais e a economia do distrito de Mossâmedes.

Muito posteriormente iniciou-se, em Benguela, a mesma indústria. Mas ali o seu desenvolvimento fez-se rapidamente. E, contudo, em Angola, não existem as variedades de grande valor industrial que se encontram nas águas do arquipélago.

Contar com a iniciativa ou capitais, na colónia, seria o mesmo que procurar agulha em palheiro. Ter-se á de recorrer ao capital metropolitano, ou estrangeiro, para se montarem empresas de pesca em cada uma das ilhas do arquipélago, ficando elas com extensas zonas marítimas de exploração e sendo obrigadas ao integral aproveitamento de todo o pescado. O Estado terá de dispensar-lhe auxílio e protecção e conceder-lhe certos privilégios quanto à isenção de licenças, taxas aduaneiras, mão de obra, etc., durante o período de instalação e, possivelmente, auxílio financeiro.

O certo é que se assim se proceder se dará a Cabo Verde, o empurrão necessário no sentido da evolução rápida das suas únicas riquezas.



De S. Nicolau

Continuam decorrendo com normalidade os diversos trabalhos em curso nesta ilha que, presentemente, já está bastante bem servida de vias de comunicação para peões e animais e bem como de obras de hidráulica, nos seus principais vales.

Entre estas é de destacar a que está sendo levada a efeito no Fronteira, próximo da embocadura da Ribeira Brava, por ser sem dúvida, a mais importante da ilha, não só pela sua extensão e disposição topográfica, mas também pela natureza do solo ubérimo, embora há alguns anos tenha desaparecido grande parte do importante regadio, devido à escassês prolongada das chuvas.

Essa obra já vai muito adiantada e é, de todas as realizadas até agora na ilha, a de maior envergadura e, possivelmente de mais larga projecção futura no ressurgimento económico do concelho.

O sal na literatura

pelo Dr. Manuel Coelho Pereira Serra

O nome do sal anda ligado a várias palavras e aparece no nosso léxico com diversas significações, envolvendo-se, por vezes, em véus de mistério...

Nos primórdios da Humanidade, teria desempenhado o papel de instrumento geral de trocas, pois era utilizado como moeda. Era com «medidas de sal» que se pagava o trabalho de cada um e, daí, o termo *salário*.

Para os latinos, o sal era tido como símbolo da sabedoria — «sal sapientiae» —, símbolo que transitou do paganismo para o cristianismo, para surgir no acto do sacramento do baptismo em que o sacerdote introduz uma pitada de sal na boca do baptizando...

Cristo, dirigindo-se a seus discípulos, tratou-os por «sal da terra» — *vos estis sal terrae* —, como se vê em S. Mateus (Capítulo V — 13), expressão essa que, para os teólogos, significa o princípio da conservação espiritual e que serviu de tema ao Padre António Vieira para o seu tão célebre «Sermão aos Peixes» pregado na cidade de S. Luís do Maranhão, no ano de 1654.

O sal também foi sinónimo de «graça ou malícia espirituosa». Na nossa literatura aparece em tal sentido, como, por exemplo, neste passo de uma das mais famosas cartas do poeta Sá de Miranda:

Os moncos, os serões de Portugal,
tão falados no mundo onde são idos
e a graça temperada do seu sal?

A par dessas e doutras significações que tem tido, o sal também aparece como símbolo de excomunhão e de castigo. Pombal, na sua impiedosa perseguição, mandou destruir o palácio dos Duques de Aveiro, em Belém, e ordenou que o terreno fosse «salgado». O local ainda hoje é conhecido por «Chão Salgado». E na ilha de Santiago de Cabo Verde, no ano de 1505, por virtude de actos cometidos por alguns dos seus habitantes, foi mandada arrazar e «salgar» a então florescente vila dos Alcatrazes, na freguesia de Nossa Senhora da Luz.

E já agora, não nos esqueçamos também de que Sara, ao retirar-se da cidade de Sodoma, ficou convertida em «estátua de sal» por, contra o aviso prévio de Loth — seu esposo —, ter voltado o rosto para contemplar a cidade maldita...

Do Boletim Geral das Colónias, de Junho de 1948.

FONTES MEDICINAIS DE CABO VERDE

Realizou em Junho, na Sociedade de Geografia de Lisboa, o notável médico hidrologista Dr. Ascensão Contreiras, uma conferência sobre o «Panorama termal do Império», na qual passou em revista as fontes medicinais das províncias ultramarinas, defendendo a necessidade de criação de estabelecimentos hidrológicos nas colónias, compreendendo estâncias de repouso para os colonos ao serviço do Império.

As ideias expendidas que merecem aplauso, acordam naturalmente o interesse que deveriam merecer as boas fontes medicinais das nossas ilhas, tão desaproveitadas. Em Cabo Verde as ilhas de Santo Antão, S. Nicolau e Brava, apresentam fontes de águas sulfurosas, gasosas e ferruginosas, com provadas qualidades curativas, algumas das quais foram já objecto de análise laboratorial, em Lisboa.

Por exemplo em Santo Antão, além das nascentes das águas minerais de menor importância: — Tanque Vermelho, Canto da Cira, Gamboezas, Tapuminho, Ribeirãozinho, Cova da Casada, etc. conta-se a chamada «Água da Fonte do Doutor» que segundo observações locais do Dr. Cesar Gomes Barbosa, ao emergir, e sob a pressão de 747^{mm}60 marca 28° de temperatura, e é dum sabôr adocicado-alcalino ferruginoso. Límpida na origem esta água deixa evolvar finíssimas bolhas gasosas, turvando-se seguinamente a pouco e pouco. Há ainda as seguintes aguas minerais: — Nascente do Doutor, Tanque Vermelho, Agua do Canto da Cira, Gamboezas, Tapuminho Ribeirãozinho, Inchado, Manuel Sanches, Cova da Casada, etc. Segundo o mesmo clinico a água da nascente do Doutor oferece as mesmas propriedades que a da Fonte com a diferença de que, à pressão atmosférica de 743^{mm}, tem 45° de temperatura. A água do Tanque Vermelho parece ser de mais mineralização, deixando um depósito avermelhado, marcando 25,°5 de temperatura à pressão de 736^{mm},84. Finalmente a água do Canto da Cira marca 26° de temperatura à pressão de 696^{mm},50.

As águas do «Torno» de S. Nicolau tem também propriedades ferruginosas além

de magnífico paladar que as tornam soberba água de mesa.

Na Brava existem as águas minerais conhecidas por «água de vinagre» devido a sua acidez e entretanto também usadas comumente para bebida e gastos culinários.

São estas as nascentes medicinais de maior importância.

Ainda quanto à ideia desenvolvida naquela conferência pelo Dr. Ascensão Contreiras, da criação de estâncias termais de repouso cabe recordar que numa esquecida tése presente ao Congresso Colonial Nacional, em 1901, na Sociedade de Geografia, o médico caboverdeano César Gomes Barbosa a que acima referimos, então chefe de Saúde da Guiné Portuguesa, defendeu com cópia de argumentos, o estabelecimento de estâncias de cura e repouso em Santo Antão, no trabalho apresentado sob o título «Sanatório em Cabo Verde». Analizadas as condições climáticas das ilhas após um documentado balanço de probalidades e cotejo do meio físico da Brava e Santo Antão, aponta-se nesse estudo a superioridade de se estabelecer de preferência um sanatório para doentes e convalescentes da costa da Africa Ocidental a quem não convenha uma rápida mudança de clima, do calor tropical para e frio do inverno da Europa.

De *Crónica Quinzenal da Vida de Cabo Verde*, publicação dos Serviços de Estatística.

Director dos CTT

Por Sua Ex.^a o Governador foi conferida posse, no dia 28 de Setembro último, ao Sr. Joaquim Arnaldo Rogado Quintino, director de 1.^a classe dos CTT, do cargo de chefe da Repartição Central dos CTT desta colónia.

A posse, que se efectuou no Gabinete do Governo, assistiram os Chefes dos Serviços e outros funcionários, tendo Sua Ex.^a o Governador, numa breve alocação, enaltecido as qualidades do empossado, que a colónia já conhece, visto ser a segunda vez que vem desempenhar as funções do seu cargo em Cabo Verde.

O Sr. Rogado Quintino agradeceu as referencias que lhe foram feitas e destacou a pessoa do seu adjunto, Sr. Edgar da Fonseca, em quem-disse-delegará todas aquelas funções que a lei lhe permitir.

Sua Excelência

em visita oficial à

Em 29 de Setembro findo partiu para S. Vicente, a bordo do navio motor *António Carlos*, Sua Excelência o Governador da colónia, Major Dr. Carlos Alves Roçadas que se fez acompanhar do seu Chefe de Gabinete, Tenente Santos Pereira.

No cais de embarque, onde se encontrava postada a Companhia de Caçadores, que prestou a Sua Excelência as honras militares devidas, apresentaram cumprimentos de despedida Sua Ex.^a Reverendíssima o Bispo de Cabo Verde, a Magistratura Judicial e do Ministério Público, todos os Chefes de Serviço, funcionários, representantes do Banco Nacional Ultramarino, Companhia Marconi e dos organismos da capital, comerciantes, agricultores, etc.

Sua Excelência, que deverá estar ausente da Praia até final do corrente mês, desembarcou em S. Vicente na manhã de ontem, sendo acompanhado até ao cais por um luzido cortejo marítimo dos navios engalanados. Silvaram as sereias de todos os barcos surtos no porto.

Do cais, onde lhe foi prestada a guarda de honra, Sua Excelência dirigiu-se a pé para os Paços do Concelho, por entre alas formadas pela academia, escolas primárias, corporações administrativas e grupos folclóricos que ovacionaram Sua Ex.^a estridentemente.

Na recepção da Câmara Municipal usaram da palavra os presidentes do Município e da União Nacional.

Por fim, falou Sua Excelência o Governador, Dr. Alves Roçadas que pronunciou o discurso que transcrevemos na íntegra dado o seu indiscutível interesse:

S. Vicente por si própria é pouco, mas S. Vicente integrada no problema conjunto é muito

Ex.^{ma} Senhor Presidente da Câmara.

Ex.^{mo} Deputado à Assembleia Nacional.

Ex.^{mas} Senhoras Consules.

Minhas Senhoras meus Senhores e amigos.

Eis-me de novo em S. Vicente, mas desta vez com um pouco de demora, para melhor poder ouvir o bater alvoroçado dos vossos corações acolhedores.

De facto, as palavras que acabei de ouvir, e fundamente agradeço, são bem a interpretação da nobreza dos vossos desejos, da vossa gentileza de maneiras, da vossa vontade de amparar os desprotegidos, do vosso interesse de progressão. É o que é vosso, não pode deixar de ser de todos que labutam no mesmo campo de força que o doce magnetismo desta terra consegue criar, à volta daqueles todos, que entram na sua esfera de atracção.

O que é preciso é que nos mantenhámos, cuidadosamente, naquela zona, sobre a qual o valor polar não tem acções dispersivas. Essa zona será a nossa zona de gravitação, porque só ela nos pode ajudar a obter o que, afinal, é desejo de todos nós.

S. Vicente é toda ela um problema e, como todos os problemas, pode ter várias raízes solucionatórias. Umas reais outras imaginárias. Está da parte dos solucionadores procurar as reais sem cair nas outras.

Não faltam nesta terra, felizmente, inteligências lucidas, homens práticos e homens de estudo. Só a comunhão de uns e outros nos impedirá de cairmos nas soluções irrealis que, na generalidade, são de resultados negativos; e esses não nos conveem.

Ilá, portanto, que resolver o seu problema dentro das realidades lógicas. S. Vicente por si própria é pouco, mas S. Vicente integrada no problema conjunto é muito. O Arquipélago precisa de S. Vicente, como S. Vicente precisa do Arquipélago. S. Vicente tem os seus problemas intrínsecos que trataremos de resolver, apreciados que sejam os vossos estudos e os vossos alvites; e os seus problemas de relação dentre os quais avulta o alimentar e o do seu porto. Quanto àquele será ele aplanado pelo aumento da produção das outras Ilhas irmãs e pela solução do problema da água que parece querer-se simplificar, se os estudos que se desenvolvem noutros pontos da Nação Portuguesa derem os resultados que se esperam.

o Governador

ilha de S. Vicente

É preciso não cairmos em erro de excesso só pelo facto de nos encontrarmos em erro de defeito

Quanto ao do porto, esse lindo porto que parece um sorridente e amiguo abraço lançado a todos quantos nela tocam uma vez, necessita qualquer coisa mais do que o que tem. É preciso, porém, não cairmos em erro de excesso só pelo facto de nos encontrarmos em erro de defeito.

O assunto está a ser estudado pela Repartição competente de Obras Públicas que pedirá, se julgar oportuno, as opiniões dos organismos, entidades ou indivíduos, que para a solução do mesmo possam contribuir com vantagem.

Não me parece, todavia, fora do bom caminho, que as pessoas de iniciativa procurem corajosamente pela indústria, pela agricultura, pela pecuária, pela exploração de águas minerais, etc, trazer para os cais de S. Vicente lotes cada vez maiores de matérias exportáveis. Lembremo-nos que um porto com serventia apenas de um porto de escala, tende a diminuir-se. Os navios procuram cada vez mais aumentar o seu raio de acção, de modo a evitar tocar em portos de simples reabastecimento.

Procuremos soluções reais

Não desconhecem V. Ex.^{as} que os óleos vão destronando o carvão e que, em futuro mais ou menos próximo, o motor atómico (a chamada pilha atómica) substituirá com larga vantagem o motor a óleo, porque nos conduz:

— a um aumento de tonelagem disponível que varia de 5 a 15% do deslocamento;

— a um aumento de autonomia que atinge valores que variam de 4.000 a 25.000% dos valores actuais;

— a uma diminuição do custo da milha (parcela relativa ao combustível) que se reduz a um valor que oscila entre 5 a 10% do valor actual.

Assim um cargueiro vulgar pode, com um motor atómico, criar uma autonomia de 300.000 milhas ao preço de 3 escudos por milha-combustível (hoje com óleos fazem-se 6.000 milhas ao preço de 30 escudos por milha-combustível).

São termos do problema que temos de tomar em consideração, para o nosso estudo.

Procuremos, portanto, soluções reais.

O que acabei de dizer não são palavras de desânimo, são apenas palavras de explicação e de prudência porque os problemas tem de ajustar-se à evolução dos tempos que aliás é sempre lenta e, portanto, teremos ainda, diante de nós, muitos anos de carvão e óleos, não só porque nem to los os futuros navios procurarão a propulsão atómica enquanto ela tiver possibilidade de se instalar com facilidade como também por não encontrarmos ainda substâncias mais abundantes e comodas que o actual uraneo. A ciência progride mas também é certo que a sua progressão é relativamente lenta, a não ser que nos surja, inesperadamente um forte e esporádico impulsor.

A vida fez-se para ser vivida

Perdoem-me V. Ex.^{as} esta divagação, mas como sei que o vosso problema mais querido é o do porto, eu não queria deixar de vos falar nele com uma certa verdade e apenas no sentido de vos indicar mais um ponto sobre que deve debruçar-se a vossa atenção.

Meus Senhores

resta-me, por último, confessar mais uma vez quanto me sinto feliz por me ter sido dado demorar-me alguns dias em S. Vicente e poder, na vossa companhia, gozar um pouco das amabilidades e amenidades da Ilha, da gentileza da vossa camaradagem e viver convosco os vossos próprios problemas.

Termino, fazendo votos, por que o tempo, encarado meteorologicamente, nos aiude a sair desta crise que nos tem vindo entristecendo, para que o futuro nos sorria e nos

concretize as boas promessas que nos vem fazendo e assim possamos criar mais trabalho, mais evolução, mais conforto, mais vida, essa vida comoda e progressiva a que todos temos direito porque a vida se fez, realmente, para ser vivida.

O Snr. Major Dr. Alves Roçadas, escutado com muita atenção pela numerosa assistência, em que se viam muitas senhoras, no final do seu brilhante discurso foi vibrantemente aplaudido, ouvindo-se vivas ao Marechal Carmona e a Portugal, a Cabo Verde e ao seu governador, ao Ministro das Colónias, a Salazar e ao Estado Novo.

Finda a sessão, Sua Ex.^a o governador seguiu, de automóvel, para o Palácio do Governo de onde assistiu ao desfile do cortejo folclórico, cujos grupos componentes lhe ofereceram, impressas em letras doiradas, as marchas que lhe foram dedicadas.

No Palácio do governo houve depois recepção.

A cidade do Mindelo está em festa e agradecida a Sua Ex.^a pela sua visita. — (Especial).

“Discursos”

Num elegante opúsculo, profusamente ilustrado, a Minerva de Cabo Verde acaba de dar a lume a transcrição integral dos discursos proferidos quando da entrega do Governo a Sua Excelência o Governador, Major Dr. Alves Roçadas.

O volume apresenta-se com um aspecto gráfico muito interessante e honra a Minerva de Cabo Verde.

NO CONSELHO DO GOVERNO

O Conselho do Governo aprovou um importante diploma regulamentando o exercício da indústria farmacêutica na colónia.

O projecto baixou à Comissão de Redacção para texto definitivo, devendo ser publicado brevemente no *Boletim Oficial*.

O mesmo Conselho aprovou um outro projecto de diploma estabelecendo o direito à assistência médico cirúrgica gratuita, em todos os estabelecimentos dos Serviços de Saúde do Estado, aos funcionários públicos civis e militares, em activo serviço, qualquer que seja a forma do seu recrutamento, e reformados.

Este diploma contem, ainda, outras disposições sobre fornecimento gratuito de medicamentos aos assalariados do Estado e seu preço de venda para os funcionários e suas famílias, baseado nos proventos auferidos pelo agregado familiar.

A Comissão de Redacção dará ao diploma a sua forma definitiva.

O artigo do nosso colaborador Dr. Júlio Monteiro, publicado neste número sob o titulo «O 1.º Congresso Caboverdeano» tem a seguinte nota do autor:

Palestra proferida pelo autor no dia 2 de Fevereiro de 1947, ao microfon do Rádio Clube de Cabo Verde. As Portarias n.º 3:762 e 3:763, de 3 de Setembro de 1949, publicadas no *Boletim Oficial* n.º 36, bem como o discurso de abertura do Conselho do Governo proferido na Sessão de dia 5 do mesmo mês, revelam quo Sua Ex.^a o actual Governador da colónia, Ex.^{mo} Sr. Major Dr. Carlos Alves Roçadas, está empenhado na elaboração de um «Plano Goral do desenvolvimento do Arquipélago». Bom haja.

SOCIEDADE LUSO AFRICANA, L.^{da}

SECÇÃO S. BENOLIEL

PRAIA

Depósito de tecidos nacionais e estrangeiros
— Géneros alimentícios, bebidas e tabacos

Compra pelos melhores preços de géneros de produção local
— PURGUEIRA, COUROS E PELES, ETC.

DISTRIBUIDORA
Da Companhia des Tabacos de Cabo Verde

Vendas por grosso:

Praça Alexandre de Albuquerque, 55/57

Vendas a retalho:

Rua da República, 36/38

Endereço telegráfico ANIL-PRAIA — Telefone 50

F O G O ! ! . . .

por M. TOMAZ DIAS

Desde os alvôres da humanidade que o Homem aprendeu a dominar o Fogo tornando-o dócil aos seus propósitos e transformando-o numa das suas maiores conquistas.

O Fogo, sendo um dos maiores amigos do Homem pode tornar-se num dos seus maiores inimigos, quer destruindo-lhe os haveres, quer pondo em perigo as suas vidas.

Sempre pronto para lho facilitar a existência, com ele colaborando dócilmente, mas... sempre alérrta para aproveitar os seus descuidos, as suas imprevidências e... vamos lá! — a sua pouca sorte, e, ei-lo tornado no seu grande inimigo, cheio de astúcias, saindo, por vozes, vencedor dos grandes recursos de que o Homem dispõe para o dominar, parecendo possuído de um prazer sádico de destruição e como que querendo vingarse da escravidão a que o homem o reduziu.

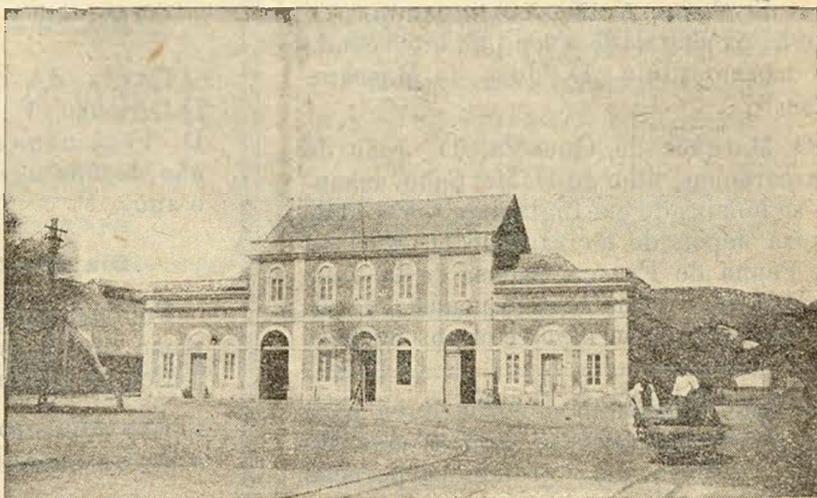
O Homem conhecedor do perigo que para ele representa o Fogo, quando tornado seu inimigo, organizou-se em corporações, descobriu e aperfeiçoou processos de o dominar, e, hoje, felizmente, dispõe de todos os recursos técnicos que tornam possível um combate eficaz ao mais rebelde dos incêndios.

Nas mais remotas aldeias do nosso país, em todos os aglomerados humanos de alguma importância existem tais corporações, constituídas por homens devotados à causa comum, cheios de abnegação e altruismo para quem o seu somnolento é como uma parcela de si mesmo, tudo dando e nada recebendo e muito justamente chamados «Soldados da Paz».

Tornemos possível a organização nesta cidade da Praia, capital do arquipélago

do Cabo Verde, uma dessas corporações! Material humano não falta. Senão vejamos o que sucedeu a quando do incêndio que quase destruiu o edifício da Alfândega da Praia: de todos os lados surgiram pessoas cheias da maior boa vontade, do maior entusiasmo e espírito de sacrifício que, sem quaisquer recursos, sem qualquer orientação, unicamente guiados pelo seu instinto ancestral se entregaram desesperadamente ao combate do que nesse momento era o seu grande e cruel inimigo: o FOGO!, e, com o auxílio do Deus felizmente, o venceu em parte.

Pensemos o que seria se todo o edifício da Alfândega fosse destruído e com ele o seu precioso recheio constituído pela quase totalidade das reservas alimentares do arquipélago!



Edifício da ALFÂNDEGA DA PRAIA, cuja ala esquerda, com cerca de 40 metros de fundo, ficou totalmente destruída pelo violento incêndio ocorrido em 27 de Julho último com prejuízos, para o Estado e particulares, que ascenderam a mais de dois mil contos.

A que tremendos sacrifícios ficaria votada a população já tão duramente castigada por sucessivos anos de crise!

...E toria sido tão fácil dominar este incêndio no seu início! Bastariam alguns bombeiros, algum material para o combate ao incêndio e o mesmo seria localizado quase que imediatamente, com um mínimo de prejuízo e sem grandes consequências.

Efemérides históricas do mês de Outubro

Dia 1 — 1871

Em execução da sentença arbitral de 21 de Abril de 1870, do presidente Ulisses J. Grant, dos Estados Unidos, que foi favorável a Portugal, na questão com a Inglaterra, sobre a posse da ilha de Bolama, foi esta entregue ao Governo de Portugal, representado pelo governador geral da província do Cabo Verde e suas dependências, Conselheiro Caetano Alexandre de Almeida Albuquerque.

Dia 9 — 1644

O bispo de Cabo Verde recebeu uma carta de El-Rei D. João IV, na qual este lhe ordenava não consentsse religiosos estrangeiros no bispado, por os haver nacionais, que bem podiam suprir as faltas que se dessem.

Dia 10 — 1624

D. Martinho de Mascarenhas, 4.º conde do Santa Cruz teve alvará de doação da ilha de Santo Antão, confirmando-se o que havia sido dado a seu pai, o 3.º conde do mesmo título, D. João de Mascarenhas.

O Marquês de Gouveia, D. João de Mascarenhas, filho de D. Martinho, achando se homiziado em Inglaterra, para onde fugira depois de ter raptado D. Mariana da Penha de França, esposa de D. Luiz de Almada, e em grande penúria de dinheiro, vendeu ou hipotecou aos ingleses

O que o incêndio devorou dava para equipar completamente com o material mais moderno uma grande corporação de bombeiros!

O que succedeu, pode voltar a suceder, se não nos organizarmos e nos equiparmos com os recursos de que actualmente a ciência dispõe para combater o incêndio.

Está em organização nesta cidade uma Associação de Bombeiros Voluntários; com os esforços conjugados de todos muito longe se pode chegar e muito se pode conseguir; que todos auxiliem esta iniciativa, para que ela resulte e se torne o orgulho desta terra e a sentinela vigilante dos nossos haveres e vidas.

a ilha de Santo Antão, de que era donatário, facto ocorrido em 1724, no reinado de D. João V.

Contra tão insólito procedimento protestou a Câmara Municipal de Santiago, que se achava investida no governo das ilhas. El Rei D. João V procedeu pronta e enérgicamente — mandando expulsar os ingleses que se tinham instalado na ilha e fazendo reverter esta à posse da Coroa.

Mais tarde, por confirmação de 9 de Dezembro de 1732, a ilha foi doada de novo à casa do Marquês de Gouveia, embora com poderes mais restritivos do que anteriormente.

Foi nesse ano de 1732, em Maio, que o ouvidor geral Dr. José da Costa Ribeiro foi à ilha de Santo Antão, onde, de mando de El-Rei, fez o primeiro termo de vereação da vila da Ribeira Grande para a pauta e eleição dos oficiais da Câmara, o que se fez em data de 7 do referido mês.

Dia 29 — 1462

Carta de doação feita por El-Rei, D. Afonso V a seu irmão o Infante D. Fernando, das ilhas do Cabo Verde não doadas na carta de 19 do mesmo mês e ano.

Dia 31 — 1874

Por decreto desta data foi concedida plena liberdade a todos os libertos existentes na província de Cabo Verde.

Era Ministro da Marinha e Ultramar o ilustre estadista João de Andrade Corvo.

(Extraídas de «Efemérides do Império Colonial Português» por J. Duarte Silva).

C A B O V E R D E

BOLETIM DE PROPAGANDA E INFORMAÇÃO

À VENDA EM TODAS AS ILHAS

Toda a correspondência deve ser dirigida à
DIRECÇÃO DA IMPRENSA NACIONAL

Os originais, sejam ou não publicados,
não serão devolvidos

JÚLIO SIMAS VERA-CRUZ

IMPORTADOR — EXPORTADOR
COMÉRCIO POR GROSSO E A RETALHO

Praça Alexandre de Albuquerque n.º 48 — 51 (escritórios e armazéns) — Rua da República n.º 52 — 54 (loja e mercearia)

Eodoroço telográfico: SAMIS — Praia Caixa postal n.º 69 PRAIA, CABO VERDE

Agente e procurador de: ANTÓNIO MIGUEL DE CARVALHO & C.ª — Lisboa e S. Vicente
COMPANHIA DE SEGUROS BONANÇA — Lisboa

Agente de: CARVALHO, RIBEIRO & FERREIRA, Ltd. de Lisboa (Firma exportadora dos afamados vinhos de mesa Nabão, Joffre M. J. R., etc.)

CABO VERDE COMERCIAL, Lt. — Lisboa — J. T. ROBLES — Coimbra

Distribuidor dos afamados produtos da

SHELL COMPANY OF PORTUGAL, LTD.

BEIRALTA

B E B A

BEIRALTA

O único refrigerante fabricado com maquinismos modernos e o máximo de asseio

NÃO ESQUEÇA

BEIRALTA

SODAS, TONICS, LARANJADAS, LIMONADAS, ETC.

FAÇA A SUA ENCOMENDA A VASCO & FIGUEIREDO, L.ª — RUA SA DA BANDEIRA — PRAIA

CASA FIRESTONE

— DE —

LUIS DO QUENTAL B. VICENTE

RUA DA REPÚBLICA — 15/17

PRAIA — CABO VERDE

CAIXA POSTAL — 3

Pneus e câmaras de ar FIRES TONE

Batarias e acessórios para automóveis e camionetes

Motores a gasolina e a óleos das conhecidas
marcas U. S. e WITTE

Lanternas SUN FLAME e respectivos acessórios
Artigos eléctricos e rádioeléctricos

Automóveis CHRYSLER e PLYMOUTH

Camionetes FARGO

FERRAMENTAS DIVERSAS

Para a sua segurança e economia use sempre pneus e câmaras de ar FIRESTONE — símbolo de qualidade

Carvalho, Ribeiro & Ferreira, L.ª

IMPORTADORES — EXPORTADORES

Rua do Ouro, 140-1.º — LISBOA

Exportadores de vinhos de mesa e das marcas
NABÃO, JOFFRE, M. J. R. e VIRGEM, ETC.

Agentes em Cabo Verde:

Na Praia:

JULIO SIMAS VERA-CRUZ

(para todas as ilhas do arquipélago, menos FOGO)

No Fogo:

AUGUSTO RODRIGUES MONTEIRO

S. FILIPE

HENRIQUETA FONTES

|| CONFEITARIA ||

BOLOS — DOCES

Praça de Albuquerque — PRAIA

Oiçam a colónia
através do seu
emissor de
ondas curtas

CR4AA

com sede na

PRAIA



no

comprimento

de onda de 50,™8

todos os dias

das 18,30 às 20 horas

(hora local)



Palestras, noticiário,
música regional e variada

RADIO CLUBE DE CABO VERDE